

Alto Solimões vive entre a cruz e o pó

Fanatismo religioso da seita da Cruz que pretendia limpar o Alto Solimões das drogas, pratica crimes sexuais e trabalho escravo

Euzivaldo Quelroz

Orlando Farias
Enviado especial

SÃO PAULO DE OLIVENÇA — A vida no Alto Solimões transita literalmente entre a cruz e a droga. Afinal, o oposto de viver sob o silêncio imposto pelo narcotráfico nas cidades e povoados da região, é submeter-se ao poder dos pastores da Irmandade da Cruz — a seita que já foi a religião hegemônica na vasta região. Trinta anos depois do 'irmão' José Francisco da Cruz ter 'ordenado' que ribeirinhos e índios largassem o 'vício' nas cidades para adorar a Cruz, o Alto Solimões ainda vive sob a influência deste movimento messiânico mas começa a descobrir que os pastores são capazes de cometer crimes tão ou mais hediondos do que os próprios narcotraficantes.

Nas terras da promessa escolhidas pelos pastores no meio de mata densa e às margens de labirintos aquáticos, os pastores enriquecem ilícitamente, praticam trabalho escravo e violentam sexualmente mulheres e crianças.

Soy Brasileiro — Num ponto perdido do rio Jandiutuba, reina um homem de cerca de 38 anos, que diz ter ressuscitado como José Francisco da Cruz, o fundador da seita, falecido na década de setenta. Com esse nome, ele tem até Certidão Nascimento de brasileiro. **Soy brasileiro e tenho 80 anos**, diz sem pudor de manter a farsa. Depois de percorrer povoados de Peru, Paraguai, Equador e Colômbia, o 'pastor' levou seu rebanho para as margens do Irari, afluente do Jandiutuba, lugar difícil de ser localizado até por cabóculos mais experimentados.

Acusado sempre de manter trabalho escravo no local, o missionário foi preso no início deste ano por ter violentado sexualmente meninas entre dez a 12 anos, filhas de fiéis da Vila Alterosa Nova Judéia, como se denomina a comunidade. Os crimes estão registrados no livro de ocorrência da Delegacia de São Paulo de Olivença, onde 'José Francisco da Cruz' esteve preso.

"Em depoimento, ele confessou que estuprara a menores, tendo engravidado uma de-



las", revelou o subcomandante da Polícia Militar em São Paulo de Olivença, coincidentemente o sargento PM de

nome José Cruz.

No ermo rio Juí, município de Santo Antônio do Itá, o 'pastor' Walter Souza Neves é acusado de outros crimes sexuais do gênero contra esposas e filhas dos fiéis. Entre as penitências criadas pelo pastor, ele introduziu recentemente um recolhimento à mulheres pecadoras por um período de 30 dias.

O próprio 'pastor' faz questão de acompanhá-las no martírio. "Ele vem conquistando as mulheres alheias, até a professora Maria Licênia (que seria a mais bonita do lugar)", atesta uma sindicância realizada por um grupo de fiéis, em documento que A CRÍTICA teve acesso. Não é preciso dizer que apenas alguns dias depois de ser sido iniciada a apuração de seus crimes, os 'dissidentes' foram banidos de sua comunidade.

Trabalho Escravo — Na comunidade Vila Alterosa Nova Judéia, os sinais de riqueza estão por todos os lados. Não se sabe ao certo, por exemplo, qual o tamanho da manada de porcos. Estima-se que existam pelo menos 500 porcos. O rebanho de gado chega a 100 reses. Num grande lago artificial, cuja localização também não se sabe ao certo, segundo fiscais do Ibama em Tabatinga, existiriam estocados centenas de quelônios.

O trabalho é duro, com jornada de trabalho corrida das 7h às 16h durante seis dias da semana, para as 800 pessoas, inclusive crianças, que moram na Vila. Estranhamente, apenas o 'pastor' — o mais forte física-

mente de todos, não é obrigado a produzir. Não se recebe absolutamente nada pelo cansativo trabalho. "Tudo que produzimos é para a Igreja", diz o marceneiro Deomar Gouveia da Silva, 67 anos, que constrói barcos e canoas para a seita.

As pessoas também não sorriem, embora digam que desfrutem de paz, como Luzeli Alves da Silva, de 26 anos, que foi parar em Nova Judéia tentando a cura de um câncer.

A produção agrícola é toda entregue ao pastor 'José Francisco da Cruz' que vai pessoalmente vendê-la em São Paulo de Olivença. O dinheiro apurado, ele diz converter imediatamente em alimentos para abastecer a popula-



ção do lugar. Por isso, "non hay plata (moeda)", como afirma, circulando na comunidade. Contraditoriamente, ele é o único no lugar que possui conta bancária em São Paulo de Olivença.

Walter Souza Neves, o pastor do rio Juí, que controla ferreamente uma população de 3 mil pessoas, é acusado de acumular uma fortuna particular que envolve imóveis, barcos e polpudas contas bancárias em Manaus, segundo denúncia de fiéis banidos da seita, nos mesmos documentos já citados. O 'pastor' costuma proclamar que só a Irmandade da Cruz será capaz de limpar o Alto Solimões da mancha do narcotráfico. No entanto, utiliza métodos muito semelhantes aos praticados pelas milícias paramilitares.

Manda prender e torturar todos os dissidentes que discordem dele, entregando-os depois à polícia como envolvidos com o narcotráfico.



O auto-intitulado José Francisco da Cruz, "ressuscitado", faz a oração diária ao lado da cruz.

PUBLICADO EM:
14 ABR 1996

A CRÍTICA
MANAUS - AM

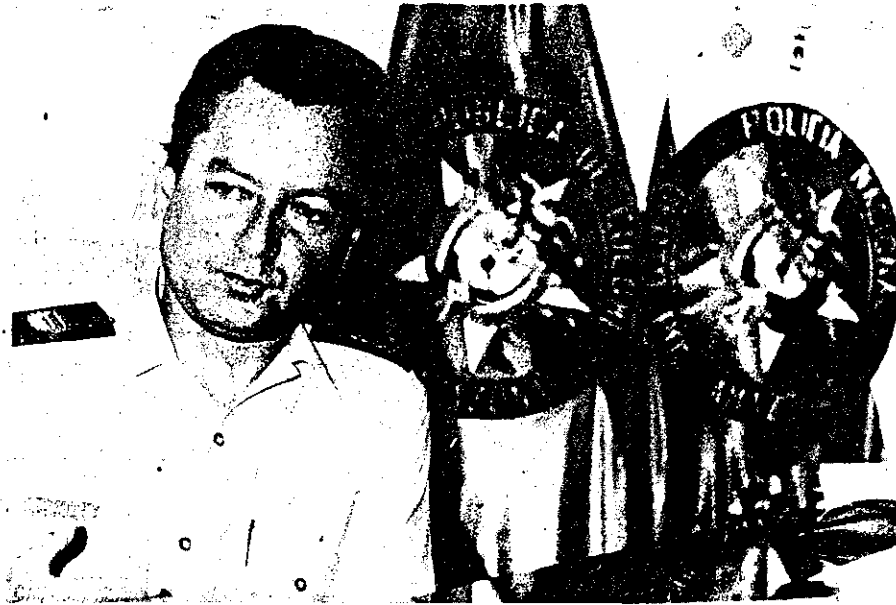
LUX JORNAL

88

7640 4468

VIDE - VERSO

112



Chefe da polícia da Colômbia, Javier Bermudez, diz que policiais corruptos prejudicam repressão.

Comandante denuncia corrupção policial

LETÍCIA (COL) — O comandante da Polícia Nacional da Colômbia no Departamento de Letícia, fronteira com Tabatinga, tenente-coronel Javier Bermudez Marin, que coordena o combate direto ao tráfico internacional de drogas na fronteira com Peru e Brasil, vê na corrupção de autoridades policiais um dos maiores obstáculos para tornar a repressão mais eficiente. Entrevistado por A CRÍTICA no Quartel-General da Polícia Nacional, em Letícia, Javier Bermudez Marin diz o assunto não é novo e que vem sendo atacado de frente na Colômbia.

"Infelizmente, trata-se de um problema tão grave como o próprio narcotráfico", ressalta o comandante. Com conhecimento de causa fruto de muitos anos atuando na região, Bermudez assegura que a corrupção das autoridades é maior entre autoridades da Polícia Nacional peruana.

O problema não é inerente

apenas aos dois países vizinhos ao Brasil. Um vídeo gravado ano passado, por agentes de órgãos brasileiros de inteligência, em Tabatinga, provou o envolvimento de alguns policiais militares do Amazonas, todos demitidos pelo comando-geral da corporação, em Manaus.

Vôos Rasantes — Com apoio da polícia anti-droga americana, DEA — a Polícia Nacional da Colômbia diz que um novo sistema de combate ao tráfico foi implantado mas nada indica que a produção da droga esteja em baixa. "Pelo contrário, temos dados de que ela está aumentando", diz o coronel, apontando o rio Putumayo, no Peru, que corre quase paralelo às fronteiras de seu país, como o principal centro de plantação e produção da coca.

Bermudez confirma que a Colômbia tem sido beneficiada com muitos dólares, tecnologia e radares da DEA para tentar vencer a guerra contra o narcotráfico. Os recursos foram utilizados na compra de barcos (que

não haviam para patrulhar os rios), viaturas e para informatizar os arquivos da Polícia Nacional.

Os radares da DEA instalados em Letícia e Cañon del Aracuara, na Colômbia, e em Pucallpa, no Peru, melhoraram o controle do espaço aéreo na fronteira. Os pilotos das aeronaves 'piratas', porém, sabem como burlar a vigilância. Eles percorrem regiões não monitoradas pelo pouco alcance dos radares americanos (um raio de 140 quilômetros) ou fazem vôos rasantes, também impossíveis de ser detectados.

Outro fator inibidor para um maior alcance da repressão é a própria situação geográfica e fronteiriça da região. Sabendo que cada país respeita rigorosamente a soberania dos vizinhos, os narcotraficantes levam consigo sempre as bandeiras dos três países. "Se a polícia do Peru tenta capturá-los, eles hasteiam a bandeira da Colômbia e cruzam imediatamente nossa fronteira", diz o comandante.

Índios, o novo alvo

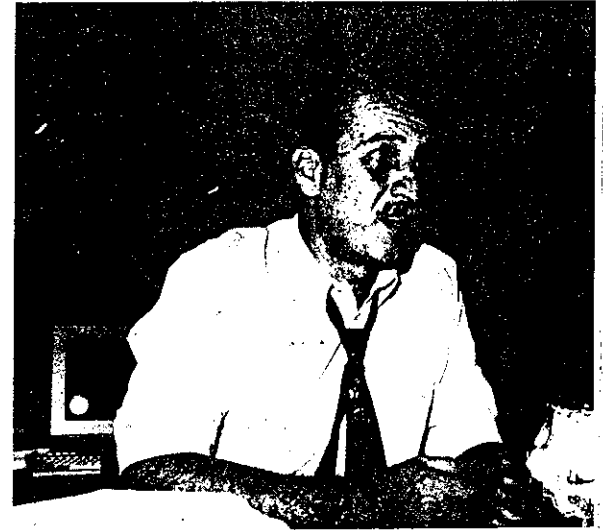
TABATINGA — Os índios do Alto Solimões podem estar sendo aliciados para o narcotráfico. Quem adverte é o superintendente da Polícia Federal no Amazonas, Mauro Spósito, acrescentando que eles formam uma mão-de-obra muito barata, são relativamente dóceis e teoricamente podem plantar a coca em suas próprias terras demarcadas, onde estranhos são proibidos de entrar.

Pelos dados que dispõe, Spósito diz que já existem plantações de Epadu (coca) em território brasileiro, no Alto Solimões. Em muitos casos, porém, o Epadu é plantado para fins medicinais, estando incorporado também a questões culturais das tribos.

Os indícios da presença de laboratórios de refino de cocaína em municípios como Tabatinga, Benjamin Constant e Atalaia do Norte são também muito fortes. Na Colômbia e Peru, os índios formam a principal força de trabalho na produção desta droga. A Polícia Federal está atenta aos garimpos na fronteira, porque eles podem representar o início da integração dos índios aos centros de produção da cocaína.

Em Tabatinga, circulam informações de que índios, às margens do rio Solimões, já são utilizados para guardar a droga. No final do ano passado, surgiram pistas de uma grande plantação de Epadu dentro da reserva dos índios Makus, no rio Japurá. Segundo o administrador da Funai em Manaus, Raimundo Catarino Serejo, Exército e Polícia Federal vasculharam a reserva mas não encontraram o plantio.

Spósito diz que a expansão da droga no Alto Solimões por muito pouco não levou o Brasil a ser incluído este ano na lista dos países produtores de cocaína no mundo, o que provocaria um sério abalo na imagem do país e um embaraço internacional sem precedentes desse nível.



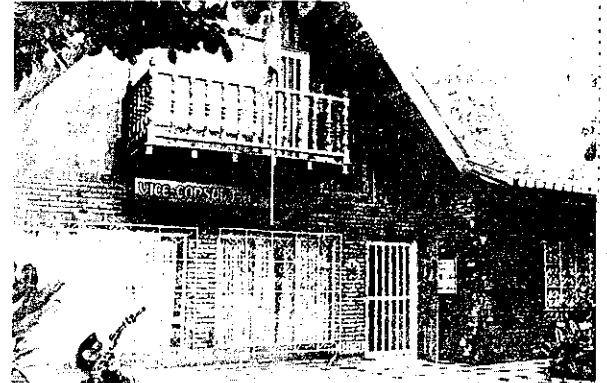
Mauro Spósito mostra no mapa a ameaça do narcotráfico aos índios

A fronteira tem também luxo

LETÍCIA (COL) — A cidade de Letícia, capital do Departamento colombiano de Amazonas, ostenta algumas residências que não ficam nada a dever a algumas mansões do luxuoso bairro do Morumbi, em São Paulo, ou às casas de campo de alguns empresários na área do Tarumã, às margens da Marina Tauá. Um empresário brasileiro, que atua no comércio de artesanato em Letícia, reconhece que todos os principais imóveis ali foram construídos com o dinheiro da droga.

Entre as várias mansões desta lista, destacam-se as casas de Vicente Riveras Filho (preso no Brasil), que ocupa quase todo um quarteirão e um sobrado construído em madeira nobre, onde funciona o consulado brasileiro na fronteira, alugada da família de Francisco Barbosa, suspeito de ligação com um dos cartéis da droga.

Segundo uma fonte do Itamaraty, a mansão foi alugada porque ela está em nome de um irmão do suspeito, que seria idóneo.



Uma das mansões mais bonitas de Letícia, alugada pelo Itamaraty